

Paródia x prosa macarrônica de Lima Barreto

Nivaldo Rodrigues da Silva*

A “nova consciência linguística” elaborou um discurso que, a partir da descoberta dos cacoetes do discurso direto e de seus procedimentos desgastados, põe a nu as suas fraquezas, a sua real inconsistência, apesar da aparência em contrário; desestabiliza-o, flagrando a sua caducidade e “rigidez” em face dos novos tempos; enfim, desmascara-o.

É necessário que o autor se aproprie dessa linguagem viva, povoada de intenções, e imprima nela a sua marca pessoal no sentido de desmascarar o discurso direto, oficial, “sério”. O estilo paródico certamente é uma das realizações do artista da palavra “cujo objetivo final é a superação do instrumental linguístico” (CLXXVII) (Bakhtin, 1992:206) que deve ser submetido ao poder modelador do artista.

Como o discurso oficial, salvaguarda das tradições nacionais, reivindica para si a imponência de uma verdade incontestável, fica sendo um material resistente à realização artística. O estilo paródico com a sua natureza destruturante quebra a resistência do discurso oficial, e instaura a dialética da verdade artística, ao retificar as distorções do discurso direto.

A paródia realizada por Lima Barreto não é do tipo da “Batracomiomaquia”¹, onde avulta o enfoque estilístico de uma queda do estilo épico para o corriqueiro, de tom facetado, sem qualquer crítica social, que a ótica clássica não permitia, principalmente se dermos crédito a uma certa tradição que atribui ao próprio Homero a autoria dessa paródia.

Também não é da espécie medieval profanadora da palavra sacra. Como que emparedando o discurso oficial, Lima constrói andaimes para a destruição do velho e a construção do novo edifício. O velho evidentemente é, segundo Bakhtin (1988: 193—5), a “*mentira patética* (CLXXVI), acumulada na linguagem de todos os gêneros elevados, oficiais, canonizados, na linguagem de todas as profissões, ordens e classes estabelecidas e reconhecidas” a que se opõe:

* Professor de Língua e Literatura Latina na UFPB.

¹ Título de uma paródia grega ao estilo épico, atribuída por muitos a Homero, autor da *Iliada* e da *Odisséia*. O termo significa: “guerra de sapos e ratos”. Alguns negam a autoria homérica do poema em face de sua razoável mediocridade como realização artística, a despeito da originalidade da concepção.

não a verdade direta e também patética, mas um embuste alegre e inteligente, como a mentira justificada pelos mentirosos... A mentira se esclarece pela conscientização irônica e paródia a si mesma pela boca do trapaceiro alegre.

É esse em suma o espírito da paródia de Lima Barreto, irmã gêmea da de Cervantes, que procura desfazer a pregação oficial mediante um discurso plurilingüe, desmistificador e “zombeteiro”, que solapa as bases do discurso monológico, onde as elites embutem os seus sistemas de dominação.

Diferentemente de Eça de Queiroz, por exemplo, que reformou a língua literária de Portugal, Lima Barreto fez opção pela língua do povo a que acrescentou a sua marca, transplantando-a para a literatura, o que chocou os praticantes da retórica tradicional, que ignoravam seu estilo novo, escandalizados com os seus “erros de gramática e de sintaxe”. Com isto antecipou-se ao Modernismo de 22. Isso era proposital. Lima condena em Machado de Assis, nos começos do século, uma estética que não contemplava os novos tempos, fazendo-se necessária uma linguagem atual, que traduzisse os anseios contidos de uma população oprimida pelo sistema e cuja linguagem ela não sabia falar nem entender. Lima se fez seu intérprete e interlocutor. Autêntica voz popular, Lima Barreto carregava em seu estilo os tiques, cacoetes e atropelos da linguagem do povo e certos modismos bizarros² responsáveis pelo coeficiente de ludismo com que apimentava o estilo, principalmente com vistas à crítica aos pruridos de nobreza da burguesia cabocla.

O mais curioso e eficaz de sua paródia é a releitura zombeteira que faz dos mitos nacionais esculpidos em linguagem solene, que ele transmuda num tipo de “prosa macarrônica”³.

² Um deles, colhido a esmo, é a expressão inédita e inaudita *de você*, equivalente ao possessivo “seu”, que o autor emprega com frequência tanto nas correspondências quanto no linguajar das personagens. Em carta a Monteiro Lobato, de 26/12/18, a certa altura, afirma: “Acabo de receber o seu *Urupês*. Ontem tinha lido um magnífico artigo do Senhor Oliveira Viana, no *O País*, a respeito da obra *de você*” (grifo nosso). E parecendo deliciar-se com a expressão, algumas linhas à frente, promete: “Vou ler o livro *de você*...” E tinha razão Lima: se se diz o “livro dele”, “do senhor”, “de V. Exa.”, por que não se dirá o “de você”?

³ “A poesia macarrônica é (...) uma completa sátira lingüística, mas não se trata de uma paródia em ‘latim de cozinha’ (grifo do texto), e sim de um travestimento que zomba do latim dos puristas ciceronianos, com a sua norma lexical elevada e rígida. Os macarrônicos utilizavam as construções latinas corretamente (...) mas, nestas construções, eles introduziam palavras da língua natal vulgar (a italiana) em profusão, conferindo-lhe externamente a aparência latina. A língua italiana e o estilo dos gêneros inferiores — as facécias, as novelas, etc. — tornaram-se fundo ativo de percepção, com uma temática materialístico-carnal nitidamente trivial. A língua dos ciceronianos implicava um estilo elevado; ela era, na realidade, não uma língua, mas um estilo. Era esse estilo que os macarrônicos parodiavam”. BAKHTIN, M. (1988) p. 394.

É essa feição “macarrônica”, oriunda do linguajar dos párias sociais, objeto de execução oficial, que Lima acondiciona numa espécie de imagem invertida do discurso direto, e que se constitui num elemento decodificador desse discurso. Essa posição dupla de imagem invertida do discurso direto e imagem reflexa do plurilingüismo social, constituindo a base do discurso limiano, é o que garante a eficácia parodística da sua expressão.

Uma linguagem aceita pela oficialidade não formularia uma expressão adequada à denúncia eficaz; fazia-se necessário uma imagem caricata do discurso direto, que revelasse a sua *pobreza* e o seu cânone, assim como o equívoco de sua mensagem e que, pelo ineditismo e originalidade, se impusesse à credibilidade.

Bem diversa do discurso latente (o direto), o discurso aparente da paródia limiana adquire foros de arte legítima, ao “construir” a “língua do dia” (Bakhtin, 1988: 82) para a crítica do dia. O “lúdico” do seu estilo não está no arremedo do oficial, como um simples exercício literário que se ocupa com a troca de vocábulos, mas na decodificação do discurso corrente, através da imagem inversa e reflexa que, ao desfazer os equívocos, jorra luz para a formulação de uma expressão adequada à nova realidade.

A imagem invertida do discurso direto revela os equívocos deste, e a imagem reflexa do plurilingüismo, com o matiz colorido de mil espelhos, ao decretar a morte do mito institucionalizado, refletindo a sabedoria secular do povo, sua expressão e suas legítimas aspirações, formula uma nova expressão apta a servir de veículo de um verdadeiro sentimento nacional.

Por um lado, o discurso parodístico, sendo um discurso bivocal, “reflete” indiretamente o discurso direto parodiado contra o qual ele se volta não para anulá-lo, mas para denunciá-lo, sublinhá-lo; por outro, sendo um discurso que contesta o discurso oficial, reflete essencialmente o linguajar popular, polifônico, uma vez que ao discurso direto compete a representação do macrotexto (CLXXVI). Assim, a função do discurso parodístico é a “retificação” do discurso autoritário, cujas bases ruem em face da verdade dialógica já preconizada por Sócrates na sua maiêutica.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Hucitec, 1988.
BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. do francês por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Hucitec, 1992.